



FERNANDO MARQUES
VOLTOU A ENCONTRAR
AUTOCONFIANÇA COM
UM TRATAMENTO
DENTÁRIO. GANHOU
ÂNIMO NOVO

Prendas que mudaram uma vida

Há ofertas que conseguem alterar rumos. Com o Natal à porta, contamos-lhe cinco histórias de generosidade, em que presentes imateriais fizeram a diferença

TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **TIAGO MIRANDA**



QUEM O VIU CHEGAR, há dois anos, com um dentinho a fazer eco numa boca despovoada e a revolta a saltar-lhe pelos olhos, quase não reconhece o Fernando de hoje — sorriso largo, à boca cheia, a estriar-lhe os cantos dos

FERNANDO MARQUES

ENCARAR O MUNDO COM UM SORRISO NOVO

olhos azuis. Fernando Marques não pára de agradecer a Isabel Jonet, “uma segunda mãe”, repete, apesar de ele ter 48 anos e ela apenas mais um. “Devolveu-me sentido à vida”, diz, emocionado.

Há dois anos, bateu à porta do Banco de Bens Doados. Trazia na mão um guardanapo sujo, onde estava

escrito “Isabel Jonet”. Tinham-lhe dito que se alguém podia fazer alguma coisa por ele, seria ela. “Eu era um homem revoltado”, conta. “Estava desempregado, qualquer provocação servia para andar à bulha...” Divorciado, pai de 4 filhos, não os conseguia sustentar nem viver bem consigo. Fora rejeitado quatro vezes pelo Centro de Emprego “por causa da boca”, que trazia em muito mau estado. “Dá mau aspecto”, diziam. “Eram empregos nas obras, mas nas entrevistas chamavam-me a atenção para a boca desaranjada... Tinha os dentes todos podres”, admite. “E andava sempre com a cara inchada, com muitas dores.”

Isabel Jonet pô-lo à experiência. Perguntou-lhe o que fazia. “De tudo” foi a resposta. Uma vez, ao almoço, a

roer um bocado de carne, caiu-lhe um dente. Mostrou à “Dra Isabel.” Foi dela a decisão de Fernando arranjar os dentes. O tratamento durou quatro meses. “Este novo sorriso mudou-me a vida”, não hesita em dizer. “As minhas colegas aqui quase tinham medo de olhar para mim... Chorei a primeira vez que me vi ao espelho, com os meus dentes todos”, confessa. “Sinto-me mais motivado, com vontade de fazer mais. Até me sentiria confiante para ir à procura de emprego”, confessa, embora por ele ficasse ali para sempre. Hoje, no armazém, Fernando anda com a empilhadora para a frente e para trás, carrega e descarrega camiões, é incansável. Até arranjou uma namorada de 28 anos! Como é que isso seria possível sem dentes?



MARK E CELESTE são daquelas pessoas que julgávamos já não existirem. Raios de sol em céus plúmbeos de Inverno. São a prova de que há gente que não consegue ser indiferente. À miséria dos outros, à dor alheia. Mesmo com sacrifí-

CELESTE, MARK E MIGUEL

ABRIR AS PORTAS A UM SEM-ABRIGO

cio do próprio bem-estar. Mesmo que isso implique abrir as portas de casa a um perfeito desconhecido. A história de generosidade de Mark Raishbrook e Celeste Ferraz, um casal de 45 anos a viver em Cascais, começou em Julho de 2002, com um simples e-mail. Nele, uma pessoa que não conheciam, Miguel, pedia ajuda. Dizia ter travado conhecimento com um ucraniano a quem não tinha conseguido virar costas, que vivia sem as mínimas condições numa casa abandonada em Caxias. Um caso como tantos outros. Um e-mail como tantos outros, “a que ninguém liga nenhuma”.

A tradutora e o programador informático não resistiram ao apelo. Encontraram-se com Miguel, e foram conhecer Igor, o ucraniano cativante, geólogo e electricista, que vivia na “casa velha” — “uma moradia completamente podre em Caxias, com uma irónica vista de mar...”

“As condições em que ele vivia eram muito más”, recorda Celeste. “Não tinha água, a casa de banho era o chão da sala, mas, depois, todas as suas coisas — livros, roupa, mala — estavam impecavelmente arrumadas e organizadas.” Passaram a ir lá todos os dias, sistematicamente. “E ele, apesar de estar muito em baixo, recebia-nos com um sorriso do tamanho do mundo, e percebia-se que vivia para aqueles momentos...” Igor tornou-se uma responsabilidade para os três amigos. “Começámos a levar-lhe o jantar diariamente e a trazer a roupa dele para lavar...”

Miguel começou a levar Igor para casa aos fins-de-semana, período em que o notavam francamente melhor — sóbrio. Durante a semana, quando Miguel regressava ao trabalho e era forçado a “devolver” Igor à casa velha, ele voltava ao torpor alcoólico em que mergulhava para se anestesiar da dor. Os três amigos multiplicaram-se em actividades para ajudar o ucraniano: foram com ele à embaixada tentar obter novos documentos. Perante a recusa, organizaram



uma corrida de karts, na Batalha, “num dia de chuva, em que centenas de anónimos foram e contribuíram. Angariámos 400 euros, que mandámos para a Ucrânia, e donde veio, no fundo de uma caixa de chocolates, um novo passaporte para o Igor”, contam. Era o primeiro passo para que ele conseguisse arranjar emprego. Até que foi internado de urgência com uma pancreatite aguda.

Quando saiu do hospital, com indicações para seguir uma dieta especial e a precisar de descanso, Mark e Celeste abriram-lhe as portas de sua casa.

“Nunca tivemos medo que ele roubasse alguma coisa. Ele era uma pessoa digna. Culto, cativante. Era fácil gostar-se dele.” Igor melhorou, e Celeste foi com

CELESTE FERRAZ,
MARK RAISHBROOK E
MIGUEL ARAÚJO NÃO
CONSEQUIRAM FICAR
INDIFERENTES AO
DRAMA DE UM SEM-ABRIGO
E INTERVIERAM.
ABRIRAM-LHE A PORTA
DE CASA, AJUDARAM-NO
O MAIS QUE PUDERAM E
NÃO SE ARREPENDEM



ele a uma entrevista de emprego. Arranjou trabalho em Sintra, e todos os dias o casal o ia levar e pôr, com almoço feito por Celeste. “Passou o Natal conosco, o Fim de Ano...” Retomou a relação com a família na Ucrânia — tinha lá mulher e duas filhas —, telefonando, mandando dinheiro. Tudo parecia correr de feição até Igor receber o primeiro salário... e estoirá-lo em bebida. Perdeu o emprego no dia em que chegou embriagado. “Foi quando percebemos que o problema do álcool era muito mais grave do que pensávamos.”

Desesperada, Celeste decidiu pedir ajuda. Valeu-lhes a AMI. Seguiu-se um longo e acidentado percurso, cheio de entradas e saídas de Igor em instituições.

Até que lhe perderam o rasto — e várias vezes o reencontraram, na rua. Em casas abandonadas, vãos de escada. Ao fim de outro internamento, grave, a equipa da AMI percebeu que, se aquele homem permanecesse em Portugal, morreria na rua. O SEF foi chamado. Celeste e Mark correram a fazer “uma mala com roupa nova e prendas, para que Igor não chegasse à Ucrânia de mãos a abanar”.

No país natal, foi recebido por uma irmã — a mulher não o aceitou de volta — e rumou a casa da mãe. Dias depois, Mark e Celeste receberam um postal de Natal dele, e outras cinco cartas ao longo de um ano, incluindo dois postais pelos anos dele e dela. Em todas elas, agradecia muito o que tinham feito por

ele — e pedia desculpa. Sempre. Depois, as cartas cessaram. Hoje, tantos anos depois, Mark e Celeste reconhecem que saíram da situação emocionalmente em cacos. Mas nem por um momento se arrependem do que fizeram. “Ficámos muito marcados por não termos conseguido ajudar este homem. Crescemos muito. Hoje, faríamos o mesmo — apenas talvez de forma menos ingénua.”

Na semana passada, o casal — que não se considera mais generoso do que as outras pessoas —, encheu-se de coragem e ligou para o último número de telefone que tinha de Igor. Receberam a boa notícia de que este está bem — sóbrio — e com trabalho. Para eles, foi a prova final de que ajudar compensa.



A VIDA DE MANUEL

MARIA RIBEIRO, 39 ANOS, RESIDENTE DA CERCIGAIA, GANHOU NOVO FÔLEGO HÁ UM ANO ATRÁS, QUANDO RECEBEU UMA CADEIRA DE RODAS ELÉCTRICA. DO QUARTO PARA O MUNDO

não tinha força de braços para andar sentado. “Há um ano, quando recebeu a cadeira, ficou tão contente...”, conta Afonso. “Era o grande sonho dele.” Manuel Maria confirma com a cabeça, e em poucas palavras: “Mudou muito a minha vida. A cadeira leva-me para onde eu quero. Aqui, vou para todo o lado”. Gostava de ir abrir o portão às visitas, como os outros. “E de conviver.” É isso, realmente, que lhe dá ânimo. Ver pessoas novas, “meter-se” com elas, cumprimentar. No Verão, quando o tempo está bom, já se aventura com o “protector” nas imediações da instituição, apesar da rampa.

“Ganhou autonomia, boa disposição, auto-estima”, resume Afonso, que vai “traduzindo”. Antes, estava muito mais circunscrito ao quarto, onde se ocupava essencialmente a organizar fotografias. Agora anda por todo o lado, graças à Rainbow, uma empresa de Carnaxide que decidiu oferecer à Fenacerci 14 cadeiras eléctricas. A Cercigaia concorreu, e conseguiu uma para Manuel Maria. Se pudesse falar com o senhor que lhe ofereceu a cadeira, “agradeceria muito”. A cadeira eléctrica deu-lhe outra liberdade; com ela, passarinha um pouco por todo o lado, vai até à cozinha, conversar com as senhoras — por sinal, bem bonitas.

Manuel gostava muito de ter uma namorada. A última paixão, Isaura, era de Viseu. “É difícil conhecer as pessoas e depois não as voltar a ver”, desabafa. “Era bonita a Isaura”. Se pudesse pedir um desejo, seria “ir a Fátima”. É muito católico. Na cabeceira, uma série de terços com que reza à noite. Se fosse ao santuário, “pedia outra mãe, para ter companhia...” Nem se lembra da tal namorada. E com a cadeira eléctrica, está mais perto de ver esse mundo.



QUEM VÊ O SORRISO de Manuel Maria à nossa chegada percebe o quanto ele gosta de gente. Disso, do convívio e do sexo feminino, convenhamos. Não é todos os dias que tem visitas — muito menos a atenção de uma jornalista e de

MANUEL MARIA RIBEIRO

UMA NOVA AUTONOMIA

um fotógrafo — e isso, só por si, é motivo para hoje ser um dia especial. Como foi o dia em que recebeu a sua nova cadeira de rodas eléctrica, há um ano. Esse dia mudou-lhe a vida.

“Ó paizinho, uma cadeira daquelas é que era bom”, disse Manuel Maria quando viu uma pessoa numa cadeira eléctrica, em Aveiro. Ia em passeio com Afonso Pereira, “o paizinho”, director da instituição e grande amigo, que ao

domingo geralmente pega neles, os utentes, e vai “dar um girinho”. É ele a única “família” de Manuel Maria, apesar deste ter familiares vivos, mas que raramente o visitam. É o grande companheiro de passeios de Manuel. Vão “à praia, às cerejas”... “Amanhã vou com ele ao cemitério, levá-lo a ver a mãe”, conta o director.

A alegria de Manuel Maria Ribeiro, 39 anos, uma paralisia cerebral a afectar-lhe para sempre a mobilidade e a fala, é visível mal põe os olhos em Afonso. É a sua companhia preferida na Cercigaia, onde vive há sete anos, a tempo inteiro. Nas paredes do corredor da residência, há fotografias e desenhos feitos pelos moradores. E uma imagem de Manuel quando ainda não tinha a cadeira eléctrica — movimentava-se de pé, por trás de uma cadeira de rodas normal, num equilíbrio instável, pois



FLORIPES DE JESUS BRITO tem 82 anos e vive na Picheleira há mais de 70. Mora numa cave húmida, numa casa sem um único vestígio de pó, com uma marquise luminosa repleta de plantas viçosas a dar ares de flores-

FLORIPES DE JESUS BRITO

APRENDER A LER AOS 78 ANOS

ta. O rádio está sempre ligado em casa desta antiga costureira de calçado, que veio para Lisboa “aos 10 anos, aprender o ofício”. Ali mora desde então, e de há seis anos para cá sozinha, quando a morte veio reclamar a irmã e o cunhado, com quem vivia. “Ao princípio custou-me muito estar sozinha”, conta. “Nunca tinha estado. O que me valeu foram os Médicos do Mundo, associação onde passo quase todos os dias. De há quatro anos para cá, vou a todas as actividades: faço ioga uma vez por semana, ginástica, pintura, brincamos ao teatro... Desde

que tenho tempo, quero aprender tudo o que há para aprender”, conta.

A maior prenda que recebeu foi aprender a ler. Era um sonho antigo, que nunca tinha conseguido concretizar. “O meu falecido pai não me deixou ir à escola. Dizia que as meninas não precisavam de aprender a escrever, tinham era de aprender a trabalhar. Se o meu pai me tivesse deixado ir à escola, podia ter sido alguém. Assim, não sou ninguém”, diz. “Disseram-me que ali, nos Médicos do Mundo, se ensinava a ler. E eu fui. Uma professora dava aulas a cerca de dez alunos. Agora, já sei ler e escrever — não como eu queria, mas já sei. Também já sei assinar o meu nome, e até escrevi duas cartas para eles, a agradecer”, conta, sorrindo. Tira uma carta com letra arrumada, o agradecimento por um passeio a Santa-rém, para visitar a fábrica “Super Bó-qui”. A ortografia da marca escapou-lhe, mas, de resto, a carta está muito bem escrita, para quem aprendeu quase aos 80. D. Floripes até se estreou na poesia... “Penso, na rua, pelo

D. FLORIPES CONCRETIZOU UM SONHO AOS 78 ANOS. LER E ESCREVER FAZEM COM QUE O SEU TEMPO TENHA AGORA OUTRA QUALIDADE — E O SEU ORGULHO TAMBÉM

caminho, e quando chego a casa escrevo. Gosto muito de puxar pela cabeça, de saber o que vou escrever...”

“Também sonhava ler livros, revistas — tenho aí uns livrinhos pequenos que me deram, que gostei de ler. Houve outro que não gostei muito, estava cheio de asneiras... Nunca pensei que se escrevessem coisas assim... Aprender a ler foi um sonho que concretizei. E ainda quero saber escrever como deve ser”, remata. Assim, o tempo de D. Floripes, que é todo o tempo do mundo, passa menos lento. Entre as idas aos Médicos do Mundo, onde tem alguns amigos, como o Sr. Ludovico, de 88 anos, e saídas à rua para comprar o que precisa e pensar em versos, os dias de D. Floripes têm agora mais letras. E um pouco mais de alegria.



QUANDO ARTUR passou a porta do Banco de Tempo pela primeira vez, não conseguia dizer mais de umas frases sem se desfazer em lágrimas. Tinha perdido a companheira de 43 anos há escassos meses, e a vida deixara de ter significa-

ARTUR MONTEIRO

DAR TEMPO É DAR DE SI

do. Não dormia, não tomava conta de si, nada lhe interessava. “Quando a minha mulher faleceu, de um dia para o outro, passei os maiores meses de desorientação da minha vida”, conta. “Fui casado 43 anos, e muito feliz. Foi muito difícil ficar em casa, sozinho, a fazer todas as tarefas domésticas pela primeira vez, sem a companhia daquela que era minha companheira para tudo — cinemas, jantares fora, viagens, idas ao Algarve, onde tenho uma casa e nunca mais voltei. Há uma grande revolta, sonhos que ficam por realizar... Via televisão até às 6h da manhã, dormia até às 2h da tarde, não tinha horários a cumprir nem sítio para estar no dia seguinte. De repente, vi-me sem sonhos.”

Certo dia, deu com o anúncio da Universidade da Terceira Idade e entrou. Viu o espaço do Banco de Tempo. “Não fazia ideia do que era.” A coordenadora que lá

estava, a Irene, explicou-lhe o princípio do Banco: trocar tempo por tempo, valências por necessidades. Artur ofereceu o seu currículo desportivo e pediu um canalizador em troca. Desportista a vida toda, treinador das célebres “Marias do Benfica”, uma equipa de voleibol feminino que foi campeã anos a fio (tinha 15 Marias em 16 elementos), Artur foi ainda director de futebol amador no Benfica e internacional de voleibol da selecção, durante 16 anos. Não demorou muito, por isso, até que no Banco de Tempo o convidassem para dar aulas de ginástica — primeiro, na Universidade da Terceira Idade, onde dá aulas a 34 alunos, e, depois, no próprio Banco de Tempo.

“Aqui, encontrei convívio, actividades, *workshops*, que me obrigaram a criar novas raízes. Foi um processo lento, mas aos poucos voltei a ter gosto em fazer a cama, em lavar a loiça, em ter as coisas arrumadas. Recomecei a ter gosto pela vida. Tornei a ter uma agenda, coisas para fazer, e isso deixa-me muito contente.” Aos poucos, foi-se envolvendo cada vez mais nas actividades do Banco de Tempo, onde se tornou quase um braço direito. Tem uma série de projectos e novos sonhos para este: “novas instalações”, onde poderia dar as aulas de “ioga, tai-chi e reiki”, para as quais está habilitado. Tem ainda um

AOS 75 ANOS, O VIÚVO ARTUR MONTEIRO REAPRENDEU A VIVER COM A AJUDA DO BANCO DE TEMPO. HOJE, DÁ AULAS DE GINÁSTICA E TEM JÁ PENSADOS VÁRIOS PROJECTOS. OCUPAR O TEMPO FOI A PRENDA QUE FEZ A DIFERENÇA

projecto com a Junta, que envolve o padre local, para ajudar famílias que passam fome. “A nossa maior dificuldade é que venham ter connosco, que não tenham vergonha”, apela Artur. “Porque, ao menos, podemos encaminhar as pessoas para refeições gratuitas.”

Artur também acompanha outros membros do Banco de Tempo, como uma advogada que tem uma deficiência nos braços, e que ele ajuda a comprar móveis e a montá-los, porque ela não pode sozinha. Nesta nova rede que construiu, conseguiu reocupar-se e preencher o vazio que sentia na sua vida. O que não significa que, olhando para a agenda aberta diante de si e preenchida, como gosta, não consiga dizer de imediato há quanto tempo lhe falta a cara-metade: “40 meses”. Há três anos e quatro meses que Artur reaprende a viver. Mas é firme na hora de nomear a prenda que lhe mudou os dias. “O presente que o Banco de Tempo me deu foi vida.” Uma vida nova. ■